

A CULTURA SURDA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS POR PROFESSORAS NO CURSO DE PEDAGOGIA

Fernando Rodrigues Tavares¹; Polliana Barboza da Silva²

(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, fer-t9@hotmail.com

(2) Universidade Federal da Paraíba – UFPB, pollianabarboza@hotmail.com

RESUMO: Os surdos constituem grupos que lutam por seus direitos, possuem identidades, língua própria, a LIBRAS, o que configura a cultura surda. Esta é compreendida como o modo com que os surdos se organizam, entendem o mundo, adquirem suas experiências que são visuais-gestuais, abrangendo a LIBRAS. Os processos educacionais precisam trazer os elementos culturais dos surdos para o centro do processo através de uma educação bilíngue e buscando fazer com que eles/as sejam os protagonistas de suas aprendizagens. O objetivo deste estudo é analisar a cultura surda na educação de surdos, com base nas práticas de sala de aula, no ensino superior, especificamente no curso de pedagogia. Procuramos assim, observar as situações pedagógicas que envolveram os estudantes surdos e suas professoras, por compreender que a atuação em sala de aula e todo o processo educacional precisam considerar o surdo e valorizar a sua diferença. Esta pesquisa quanto à abordagem é qualitativa por entender que é necessário compreender detalhes e significados, além do contato com o campo de pesquisa e com os sujeitos. Quanto aos objetivos é descritiva, pois buscamos descrever os fatos encontrados na instituição de ensino superior - IES. Quanto à tipologia é um estudo de caso, por se tratar de um caso individual e contemporâneo. Os resultados da pesquisa evidenciaram que durante as aulas não há ainda a consideração e valorização da cultura surda, pois a maioria das professoras desconhece a LIBRAS, as estratégias de ensino são ainda realizadas pensando nos ouvintes, a participação dos estudantes surdos em sala de aula e nas atividades propostas ainda é tímida e as tentativas de comunicação acontecem através da oralidade ou do intérprete de LIBRAS. Os achados da pesquisa revelaram ainda que uma das professoras por conhecer a LIBRAS a utilizou em alguns momentos da aula para se comunicar com os estudantes surdos, como também apresentou a preocupação de pensar e utilizar estratégias de ensino e metodologias que valorizaram as experiências visuais dos surdos.

Palavras-chave: Cultura Surda, Educação, Professoras, Surdo.

INTRODUÇÃO

A educação em nosso país vem buscando efetivar políticas de inclusão nas instituições de ensino a fim de minimizar e/ou eliminar barreiras. Mesmo com a implementação de políticas para tal é perceptível ainda práticas que não respeitam as diferentes culturas no interior das instituições de ensino. De acordo com Costa (2011, p.109) a cultura é vista como “uma forma de vida (ideias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e relações de poder), quanto toda uma gama de produções, de artefatos culturais (textos, mercadorias, etc.)”. Para

¹ Mestrando em Educação (UGC); Estudante do curso Técnico (IFPB); Especialista em Educação Especial; Graduado em Ciências Biológicas.

² Mestranda em Educação (UFPB); Mestre em Ciências da Educação (ULHT); Especialista em Educação Especial - Atendimento Educacional Especializado (UFC); Graduada em Pedagogia (UFPB).

tanto, a cultura é algo que deve ser pensada como parte integrante do processo educacional, pois é nela que estão ancoradas as experiências e vivências das pessoas.

Neste contexto, destacamos a cultura surda. Esta, segundo Strobel (2016, p.29)

É o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Os surdos são pessoas que constituem um grupo diferente, que possuem experiências visuais-gestuais e cultura. A cultura surda é um fator relevante a ser considerado nos processos educacionais. Para tanto, os referidos processos não vem evidenciando os elementos culturais das pessoas surdas, não compreendendo que é importante pensar em estratégias de ensino, metodologias, conhecimento da LIBRAS para comunicação, a fim de envolvê-las nas aulas, possibilitando as mesmas serem protagonistas de suas aprendizagens.

No ensino superior, especificamente essas situações de desconsideração da cultura surda estão presentes. O resultado do estudo realizado por Daroque (2011) sobre estudantes surdos no ensino superior revelou que a situação enfrentada pelos estudantes surdos envolve barreiras no processo de aprendizagem, faltam aos professores/as informações sobre a surdez e o conhecimento da LIBRAS.

Cruz (2007), ao abordar a temática da educação de surdos no ensino superior, obteve o resultado de que as situações dos estudantes surdos eram de dificuldades e rejeição. A maior dificuldade se deu em razão do ambiente universitário ser organizado de forma predominante para os ouvintes.

Nesta direção, as discussões presentes neste estudo pretenderam propiciar reflexões sobre a qualidade da educação, especificamente no ensino superior, buscando compreender a educação que os surdos têm tido acesso, considerando os elementos culturais dessa população.

METODOLOGIA

O desenvolvimento da presente pesquisa é de caráter qualitativo. Esta se preocupa “com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”

(GONSALVES, 2011, p.70). Deste modo, buscamos no campo da pesquisa e no contexto da sala de aula compreender os significados dos fatos ocorridos, acerca do fenômeno estudado.

Buscamos problematizar as situações encontradas, como também, indicar caminhos para possíveis soluções, com base nas discussões e estudos realizados sobre a cultura surda.

O campo da pesquisa foi uma instituição de ensino superior privada, localizada no interior de Pernambuco, no curso de pedagogia, por ter estudantes surdos. Participaram da pesquisa três (3) estudantes surdos, aos quais designamos estudante surdo um (ES1), estudante surdo dois (ES2) e estudante surdo três (ES3), e três (3) professoras, designadas de professora um (P1), professora dois (P2) e professora três (P3), todas pertencentes ao curso de Pedagogia.

A técnica utilizada foi à observação sistemática, de acordo com os objetivos da pesquisa. Segundo Laville e Dionne (2007, p.177) a observação sistemática propõe ao pesquisador

conhecer bem o contexto em que vai operar e conhecer também os aspectos que deverão chamar sua atenção no comportamento das pessoas. Pode, portanto, preparar um plano bem determinado de observação: adaptado às circunstâncias e ao objeto de estudo, esse instrumento vai permitir-lhe fazer uma ordenação de dados antecipada dentre o fluxo de informações e selecionar as que são pertinentes.

Deste modo, a observação sistemática requer a preparação de um plano para observar os fatos ocorridos em tempo real. Assim, foi construído um plano para a observação em sala de aula, considerando o processo comunicativo entre professoras e os estudantes surdos, a participação em sala de aula, a utilização da língua de sinais, as estratégias de ensino de acordo com a diferença surda e outros aspectos que identificamos no decorrer das observações, envolvendo a cultura surda. Estas observações foram realizadas no período de fevereiro a março do ano de 2015. Posteriormente, os dados coletados foram interpretados, com base na análise de conteúdo. Esta, de acordo com Chizzotti (2011, p.115) “pressupõe que um texto contém sentidos e significados, patentes ou ocultos, que podem ser apreendidos por um leitor que interpreta a mensagem contida nele por meio de técnicas sistemáticas apropriadas”. Deste modo, este tipo de análise tem a finalidade de interpretar os textos através de procedimentos sistemáticos para compreender os conteúdos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos aqui os resultados da pesquisa, com base nas observações realizadas no âmbito da sala de aula, como também buscamos relacionar esses dados empíricos com as informações teóricas. Os dados estão apresentados nos quadros, seguidos das análises.

O primeiro quadro traz a situação 1, envolvendo P1 e os três estudantes Surdos (ES1, ES2 e ES3) durante a aula de estágio I.

Quadro 1 – Situação 1

Situação 1 – P1
Aula de Estágio I
P1 explica oralmente as diretrizes do estágio supervisionado I e pede a atenção de todos. O intérprete se encontra de pé, de frente a ES2 interpretando a fala de P1. ES1 chega e se dirige a turma e a P1 e cumprimenta a todos com um bom dia em LIBRAS. Todos respondem com o respectivo sinal. ES3 chega à sala e cumprimenta P1, este responde oralmente. Os estudantes surdos estão juntos ao intérprete, os mesmos estão sentados bem próximos, nas cadeiras da frente e de frente para o intérprete. P1 realiza oralmente a explicação das três etapas do estágio através das fichas, estas são entregues a todos os estudantes. ES3 pede para o intérprete perguntar sobre os prazos da entrega dos relatórios a P1. ES3 parece não gostar de tirar dúvidas com P1. O intérprete não incentiva ES3 a fazer perguntas a P1. Após este momento P1 continuou a explicação passando para a ficha 2 e 3. Após o término da aula do período da manhã alguns estudantes ouvintes ainda em sala se aproximaram dos estudantes surdos para cumprimentar e se comunicar por meio do intérprete e também através de gestos.

Observações em sala de aula /2015.

A situação apresentada acima evidencia que P1 desenvolve a aula através da oralidade, esta é própria da cultura ouvinte. Sendo assim, é possível perceber que existe a hegemonia da cultura ouvinte sobre a cultura surda. Este resultado permite-nos fazer uma relação com o que afirma Witkoski (2009, p.566) “falar é limitado à concepção ouvinte que a restringe às línguas processadas pelo canal auditivo-oral, não reconhecendo a modalidade visual-motora da língua de sinais como a natural dos surdos”.

É possível perceber que os estudantes surdos utilizam a LIBRAS como um dos principais artefatos culturais³ para se comunicar e para ter acesso ao conhecimento. ES1 ao cumprimentar a professora e se comunicar com o intérprete o faz em LIBRAS. Esta é “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002).

³ O que é característico da cultura surda.

A comunicação com a professora e com os colegas ouvintes acontece por meio do intérprete de LIBRAS e em um momento um estudante surdo se mostra tímido e pede para o próprio intérprete ir tirar uma dúvida para ele. Esses dados mostram que o intérprete de LIBRAS é um profissional fundamental na mediação da comunicação, o que corrobora com a afirmação de Silva e Oliveira (2014, p. 184) “o intérprete atua como mediador entre o professor e o aluno, fazendo a interpretação dos conteúdos trabalhados pelo professor para a linguagem de sinais”. Para tanto, o trabalho do intérprete é de fundamental importância no processo educacional, além de contribuir para a valorização da cultura surda.

A seguir apresentamos a situação 2, envolvendo P2, que leciona o componente curricular de gestão escolar e ES2.

Quadro 2 – Situação 2

Situação 2 – P2
Gestão Escolar
P2 inicia a aula conversando oralmente com os estudantes, perguntando como os mesmos passaram a semana e se haviam conseguido fazer as atividades. ES2 chega em meio a conversa e não cumprimenta P2, cumprimenta alguns colegas e se senta numa cadeira localizada na parte da frente da sala, olha para todos os lados e percebe que o interprete não está presente. Passados alguns minutos ES2 se ausenta da sala, sem se comunicar com P2. P2 não se dirigiu a ES2.

Observações em sala de aula/2015.

A situação pedagógica acima descrita traz indícios da desconsideração da diferença surda. A compreensão do surdo por meio do conceito da diferença “pressupõe o distanciamento das teorias biológicas veiculadas sobre o surdo e a surdez” (KUMADA, 2017, p. 56). Deste modo, a surdez não deve ser compreendida como deficiência e sim como cultura, como evidencia a concepção antropológica⁴.

É evidente, mais uma vez ações que inferiorizaram a cultura surda, como a comunicação da professora por meio da oralidade, a desmotivação de ES2 ao entrar na sala de aula, não cumprimentando P2 e nem tampouco P2 se dirigiu a ES2. Para tanto, ES2 percebeu a falta do intérprete de LIBRAS e se ausentou da sala e a professora novamente não se dirigiu a ES2. É evidente, mais uma vez que o intérprete de LIBRAS é um profissional indispensável no processo educacional dos estudantes surdos, sem este profissional em cena os surdos se sentem excluídos desse processo e inferiorizados pela cultura ouvinte. Esta informação nos

⁴ Esta concepção compreende que o surdo tem identidades (Identidades Surdas), língua próprias (a LIBRAS) e constituem um grupo, o que configura a cultura surda.

permite fazer uma relação com os resultados do estudo desenvolvido por Bisol (2010) ao evidenciar que é um desafio para os estudantes surdos estudarem numa instituição de ensino superior organizada predominantemente para os ouvintes, onde a comunicação, o contato com o surdo e a cultura surda é esquecido.

A falta de comunicação entre professora e estudante surdo é um fator que pesa no processo de aprendizagem dos estudantes surdos. Isto pode acontecer pelo fato da professora desconhecer a língua de sinais. Assim, esta comunicação só acontece quando o intérprete está presente. Este dado pode ser uma revelação de que há

um despreparo das escolas em nosso país, principalmente as públicas, no que se refere às condições básicas para o ingresso destes alunos nas instituições de ensino. Esse despreparo abrange desde o desconhecimento da língua de sinais por parte dos docentes, funcionários e colegas até a falta de uma estrutura curricular que sirva de suporte ao bom funcionamento do trabalho envolvendo esses alunos. (LIMA, 2004, p.71).

Neste sentido, fica evidente que a falta de comunicação entre professoras e estudantes surdos na sala de aula pode deixar uma grande lacuna na relação entre os mesmos, o que compromete o processo educacional dos surdos.

No quadro a seguir, apresentamos a situação três, envolvendo P3 e os três estudantes Surdos (ES1, E2 e E3).

Quadro 3 – Situação 3

Situação 3 – P3
Aula de Didática e Letramento Infantil
P3 deu início a aula através de um bom dia (em LIBRAS e oralmente), perguntando como os alunos estavam (em LIBRAS e oralmente). Os estudantes ouvintes e surdos responderam e também afirmaram que estava tudo bem. Em seguida, P3 se apresentou em LIBRAS e oralmente, pois se tratava da volta às aulas e pediu para que cada estudante falasse da expectativa com relação à disciplina. Alguns estudantes falaram que esperam aprender mais sobre a didática na educação infantil, sobre a leitura e a escrita e conteúdos nesse nível de ensino. O intérprete se encontra junto a ES1, ES2 e ES3 conversando e realizando a interpretação da fala de P3. P3 apresenta oralmente o plano de curso da disciplina didática e letramento infantil, discutindo a ementa, os objetivos, o conteúdo programático, os procedimentos metodológicos e avaliação. Pergunta em LIBRAS a ES1, ES2 e ES3 se entenderam o que foi apresentado, se desejam falar algo a respeito. Os mesmos respondem que compreenderam e que está muito bom assim. Dando continuidade, P3 realizou uma apresentação em slides sobre a origem, história e conceito de didática, alfabetização e letramento. Nos slides há imagens referentes ao conteúdo. Toda a turma está atenta, o intérprete se encontra interpretando a fala de P3 para ES1, ES2 e ES3. P3 para e pergunta se a turma está compreendendo, se não tiver é preciso interromper e perguntar. P3 prossegue a aula explicando o conteúdo. ES1 levanta a mão e pede a palavra. ES1 diz que os conceitos de letramento e alfabetização não estão claros, e pede para P3 explicar novamente. O

intérprete está realizando a interpretação para a turma. P3 explica oralmente e o intérprete realiza a interpretação. Após a explicação P3 pergunta se ES1 entendeu, o mesmo afirma que agora sim e agradece. Na oportunidade P3 lança o desafio para a turma produzir um resumo em grupos, contendo os conceitos de alfabetização, letramento e didática. P3 distribui papel pautado para todos os alunos e os mesmos dão início. Durante a atividade P3 passa nos grupos, observando e tirando dúvidas dos alunos, chega próximo a ES1, ES2 e depois ES3 e pergunta em LIBRAS se tem dúvidas, os mesmos afirmam que está tranquilo. ES1 afirma que está contente porque P3 demonstra saber um pouco da LIBRAS. Os Surdos estão nos grupos interagindo com mais 2 (dois) colegas ouvintes e o intérprete.

Observações em sala de aula/2015.

Nesta situação pedagógica é possível compreender que P3 tem conhecimento da LIBRAS e a utiliza em alguns momentos da aula para se comunicar com ES1, ES2 e ES3. O conhecimento e a utilização da LIBRAS além de valorizar a cultura surda, também é um suporte fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Neste sentido, Strobel (2016, p.53) afirma que

a língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, e que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

Referindo-nos as estratégias de ensino e as metodologias utilizadas por P3, encontramos algumas que contemplam os estudantes surdos, como a utilização do projetor com imagens, a comunicação e a preocupação com a participação e com o entendimento dos estudantes surdos durante a explicação do conteúdo. Esse resultado corrobora com o que afirma Santiago e Pereira (2015, p.52)

é fundamental que o professor, antes de escolher sua metodologia de ensino, leve em consideração as particularidades de causa, momento, condição e identidade do surdo, pois essas peculiaridades de complexa abrangência influenciam de modo diferente a maneira dele lidar com o mundo à sua volta. Portanto, não é possível tratar os diferentes sujeitos surdos a partir das mesmas práticas metodológicas.

Neste contexto, o olhar do professor/a para a diferença surda permite a elaboração de estratégias de ensino e metodologias que sejam específicas para os estudantes surdos.

A participação dos surdos nas atividades propostas por P3 também é um fator a ser considerado. Eles/as formaram um grupo com alguns colegas ouvintes e o intérprete para realizar a atividade escrita. A participação dos estudantes surdos nas aulas e atividades

propostas possibilita aos mesmos serem vetores de transformação e propagador da Cultura surda.

CONCLUSÕES

As práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, na instituição de ensino superior pesquisada, em sua maioria não evidencia a cultura surda no processo educacional. Os surdos ainda participam de forma tímida das aulas, a maioria das professoras desconhece a LIBRAS, as estratégias de ensino são ainda realizadas pensando nos ouvintes e as tentativas de comunicação acontecem através da oralidade ou do intérprete de LIBRAS.

Os achados da pesquisa revelaram ainda fatores positivos, pois uma das professoras por conhecer a LIBRAS a utilizou em alguns momentos da aula para se comunicar com os estudantes surdos, como também apresentou preocupação de pensar e utilizar estratégias de ensino e metodologias que valorizaram as experiências visuais dos surdos.

As práticas pedagógicas de professoras e professores do ensino superior precisam contemplar e considerar as pessoas surdas, compreendendo-as como um grupo diferente, que necessitam de metodologias específicas para aprender, de atividades e avaliações que lhes possibilitem colocar em prática suas experiências visuais-gestuais e serem protagonistas de suas aprendizagens.

Finalizando esta pesquisa não podemos afirmar que este estudo sobre a cultura surda na educação de surdos chegou ao seu fim. A pesquisa em educação se apresenta sempre inacabada, precisando de estudos futuros que deem continuidade a investigação sobre determinados problemas e fenômenos. Deste modo, entendemos que são necessários estudos futuros que tragam novas discussões sobre a questão da cultura surda, o que possibilitará reflexões, compreensões e ações sobre a língua de sinais, as práticas na educação dos estudantes surdos e o respeito por suas identidades e culturas.

REFERÊNCIAS

BISOL, Cláudia Alquato et.al. Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão. **Caderno de pesquisa**, São Paulo, v. 40, nº 139, p. 147-172, jan / abr. 2010.

BRASIL. Lei 10.436. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm
Acesso em: 30 jul. 2017.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais e educação – um panorama. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (Org). **Cultura, poder e educação: um debate sobre Estudos Culturais em Educação**. 2. ed. Canoas: Ulbra, 2011. p.107-120.

CRUZ, José Ildon Gonçalves da. **Consolidação de uma trajetória escolar: o olhar do surdo universitário sobre o ensino superior**. 2007. 179 f. Dissertação (Mestrado em educação), Centro Universitário Moura Lacerda de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2007.

DAROQUE, Samantha Camargo. **Alunos surdos no ensino superior: uma discussão necessária**. 2011. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 5. Ed. São Paulo: Alínea, 2011.

KUMADA, Kate Manhy Oliveira. **Acesso do surdo a cursos superiores de formação de professores de Libras em instituições federais**. 2017. 252 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: editora UFMG, 2007.

LIMA, Niédja Maria Ferreira de. **Currículo e Surdez: parâmetros para a inclusão de Surdos na rede pública regular de ensino**. 2004. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2004.

SANTIAGO, Sandra; PEREIRA, Douglas. A especificidade do trabalho pedagógico com alunos surdos. In: SANTIAGO, Sandra Alves da Silva (Org). **Problematizando a inclusão do estudante Surdo: da educação infantil ao ensino superior**. João Pessoa: CCTA, 2015. p.47-63.

SILVA, Kely Cristiane; OLIVEIRA, Adil Antonio Alves de. **O papel do intérprete de libras no processo de aprendizagem do aluno surdo nos anos iniciais do ensino fundamental**. Disponível em: sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/download/1494/1101 / Acesso em: 12 ago. 2017.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2016.

WITKOSKI, Sílvia Andreis. Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada, Rio de Janeiro, **Revista Brasileira de Educação**, V. 14, nº 42, set/dez 2009.